

# HISTÓRIA

Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

## SUMÁRIO

### I — Uma Página da Campanha do Contestado

— Gen João Pereira de Oliveira

### II — Pedro Álvares Cabral

— Virgílio Corrêa Filho

O Gen João Pereira, ex-Presidente da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, publicou "Vultos e Fatos de Nossa História", coletânea de escritos patrióticos, que veio enriquecer nossa literatura militar. Devidamente autorizados, publicaremos alguns artigos contidos na obra do brilhante cultor das letras pátrias — Gen João Pereira

DIRETOR-SECRETÁRIO

### I — UMA PÁGINA DA CAMPANHA DO CONTESTADO

Gen JOÃO PEREIRA DE OLIVEIRA

(COMBATE DE 8 DE FEVEREIRO)

Era nas alvoradas de 1915. Depois de extensas e fadigosas marchas, por verdadeiras trilhas, tortuosas e pulverulentas, abertas, a espaços, em serras nemorosas e alcantiladas, via-se, enfim, aos 4 de fevereiro daquele ano, concentrada em Tapera e São Sebastião de Perdizes Grandes, toda a infantaria da Coluna Sul. Em Tapera, acampava o 51º Batalhão de Caçadores, de São João de El-Rei, com a 1ª Secção da 2ª Companhia de Metralhadoras; e em Perdizes Grandes, o 57º, de Jaguarão, o 58º, de Niterói, e a 2ª Secção da 1ª Companhia de Metralhadoras, subordinada diretamente ao comandante da Coluna. Comandava a esta, o avisado e operoso comandante efetivo do 58º, coronel Francisco Raul d'Estillac

Leal, auxiliado por um chefe de estado-maior, o saudoso 1º tenente Joaquim de Souza Reis Neto, um assistente, 2º tenente Herculano Teixeira de Assunção, e um ajudante-de-ordens, eu, então aspirante a oficial antigo; o 51º, o major Ciríaco Lopes Pereira; o 57º, o major Nestor Sezefredo dos Passos; o 58º, interinamente, o capitão Américo de Abreu Lima; a 2ª Secção da 1ª Companhia de Metralhadoras, acumulativamente com a ajudância-de-ordens, eu; e a secção de metralhadoras incorporada no 51º, o 2º tenente João Peixoto de Vasconcelos Castro.

A missão da Coluna, consoante a ordem de operações do comandante-chefe, general Fernando Setembrino de Carvalho, datada de 21 de janeiro, era "atacar o inimigo em Santa Maria e Tamanduá". A situação exata do reduto de Santa Maria, porém, primeiro objetivo da Coluna, constituía verdadeira incógnita, que urgia se esclarecesse antes, para o bom êxito da operação. Foi isto, pois, o que buscou fazer o comandante da Coluna, a partir de 29 de janeiro, data em que chegaram aos lugares já declarados o 51º, o 58º e as secções de metralhadoras. Infelizmente, sem resultados correspondentes aos sacrifícios, porquanto, de todos os reconhecimentos à que mandou proceder, ficou sabendo, apenas — pelos que se fizeram em 31 de janeiro, e aos 3 e 4 de fevereiro, em direção ao norte — o que já se apregoava por tôda a parte, isto é, que o inimigo se homiziava além das densas matas marginais do arroio Santa Maria, distantes oito quilômetros de Perdizes Grandes. E nada mais.

Em razão disto, e na convicção de que baldado seria, manifestamente, perseverar no propósito de colhêr melhores informações, com a agravante de facultar ao inimigo, com a delonga, muito maior ensejo para fortalecer as suas posições, decidiu, então, o comandante da Coluna deslocar para Tapera os corpos de infantaria que estacionavam em Perdizes Grandes, e, dali, arrancar para o ataque o objetivo que lhe fôra dado, enquanto o destacamento de cavalaria do bravo rio-grandense tenente-coronel Leovegildo Alves de Paiva, pertencente, também, à Coluna Sul, iria ocupar a serra da Esperança.

Com êste fim, pois, expediu êle, às 12 horas e 45 minutos do dia 6, a seguinte *Ordem de Operações*:

"1º. O inimigo está na serra do Caçador ocupando o reduto Santa Maria, segundo informações do comando das fôrças em operações.

"2º. O objetivo particular da Coluna Sul é o ataque ao mencionado reduto.

"3º. As Colunas do Norte e Lesfe marcham respectivamente em direção ao Timbózinho e ao rio da Areia. Segundo as últimas informações oficiais, a Coluna do Norte já atingiu Santo Antônio.

"4º. O 51º, 57º e 58º, com as secções de metralhadoras, o piquete de cavalaria de 20 praças e os vaqueanos civis, deixarão o seu acampamento no dia 7, indo bivacar no lugar denominado Tapera, à margem esquerda do arroio Santa Maria, onde será feita a concentração da Coluna para o início da marcha de ataque.

"5º. O destacamento de cavalaria sob o comando do tenente-coronel Paiva, partirá de Perdizinhas no dia 8, indo acampar no lugar denominado Cima da Serra, de onde enviará explorações: para o norte, até o Rio Caçador, a fim de impedir que o inimigo na sua retirada procure os caminhos que demandam Passa-Dois, Sepultura e Corisco; para oeste, no rumo de Luiz de Souza e outros caminhos que conduzem a Perdizes Grandes.

"6º. O comandante da Coluna acompanhará as fôrças incumbidas de atacar o reduto de Santa Maria."

A esta ordem, aditava o comandante da Coluna as *Instruções Especiais* seguintes:

"Base de abastecimento — a) Em Perdizes Grandes ficarão depositadas as bagagens, reservas de víveres e munição que não tiverem de acompanhar as fôrças de ataque.

"b) Para segurança e defesa da base em Perdizes Grandes, cada unidade deixará uma esquadra e o respectivo estado-menor, sob o comando de um inferior. Ficará incumbido da base de abastecimento o 1º tenente-intendente Abrahão Chaves, o qual deverá se apresentar ao comando da Coluna para receber instruções.

"c) Do estado-menor de cada corpo devem ser designados os múicos exercitados no serviço de padoleiros, que serão distribuídos pelos postos de socorro que acompanham a coluna de ataque.

"d) A metralhadora que acompanha o 57º, com a respectiva guarda, ficará em Perdizes Grandes.

"Equipamento de ataque — As fôrças da coluna de ataque levarão penas a barraca, o capote e a manta para o bivaque no ponto de concentração; daí em diante levarão o capote e a manta. As barracas ficarão o lugar do bivaque, que será guardado por uma fôrça.

"Munição e víveres — Cada praça levará dois dias de víveres no respectivo bornal e 120 cartuchos. No lugar do bivaque ficará uma reserva de víveres para dois dias, a cargo do intendente do 58º, destinada a reastecer a coluna de ataque. As companhias do 58º levarão as suas marmitas térmicas até o lugar da concentração.

"Comboio — O grosso da coluna de ataque será acompanhado de um comboio de munição de 10 cargueiros organizado com a munição do 51º, do 58º e respectivos muares. O comandante do comboio será o tenente-intendente do 57º Carlos d'Herpent Torgo auxiliado pelos brigadias e sargentos do material bélico das mesmas unidades.

"Cada batalhão mandará apresentar a este oficial cinco condutores, arte do comboio que fôr organizado pelo 51º marchará com este Batalhão para o lugar da concentração. A outra parte com o 58º, indo com esta o seu comandante e o pessoal do comboio fornecido pelo 57º.

"Serviço de saúde — a) Enquanto durarem as operações do ataque o reduto de Santa Maria, ficará constituído um serviço geral de saúde sob a chefia do capitão-médico dr. Belmiro Braga, que terá a direção do

hospital de sangue instalado a partir do dia 8 na igreja de S. Sebastião de Perdizes Grandes.

"b) O serviço móvel de saúde destinado a acompanhar a coluna de ataque será constituído de dois postos de socorro respectivamente sob a direção dos médicos do 57º e 58º.

"c) No hospital de sangue ficarão o farmacêutico do 57º, o sargento de saúde do 51º e dois cabos de saúde do mesmo corpo. Cada posto de socorro terá um sargento de saúde e cinco cabos que conduzirão as bolsas de medicamentos.

"Os padoleiros ficarão à disposição dos postos de socorro com o respectivo material de transporte de feridos.

"No lugar da concentração ficará armada uma barraca Reicheldt, onde serão recolhidos os feridos que tiverem de ser transportados para o hospital de sangue. Compete ao comandante da força de guarda ao bivaque dar aviso ao diretor do hospital de sangue, e de acordo com o mesmo tomar as providências para a remoção dos feridos.

*"Remunicionamento em combate —* Os comandantes de companhia, pelotão e esquadra, sendo responsáveis pela disciplina e eficácia do fogo, devem regular, tanto quanto possível, o consumo de munição, de sorte que esta não venha a faltar logo no início do combate.

"Toda fração que tiver esgotado a munição sem desalojar o inimigo pedirá que avance reforço da unidade que estiver na sua proximidade.

"As frações que, por qualquer circunstância do terreno, não puderem tomar parte em combate engajado nas suas proximidades, ou que tiverem recebido instruções para ficar de reserva, devem correr imediatamente em auxílio das camaradas que lutam, todas as vezes que forem informados, independente de pedido, que as munições estão faltando.

"Quando os comandantes de batalhão pressentirem, pela marcha do combate, que a sua unidade poderá vir a ficar sem munição, mandará pedi-la ao comandante da Coluna.

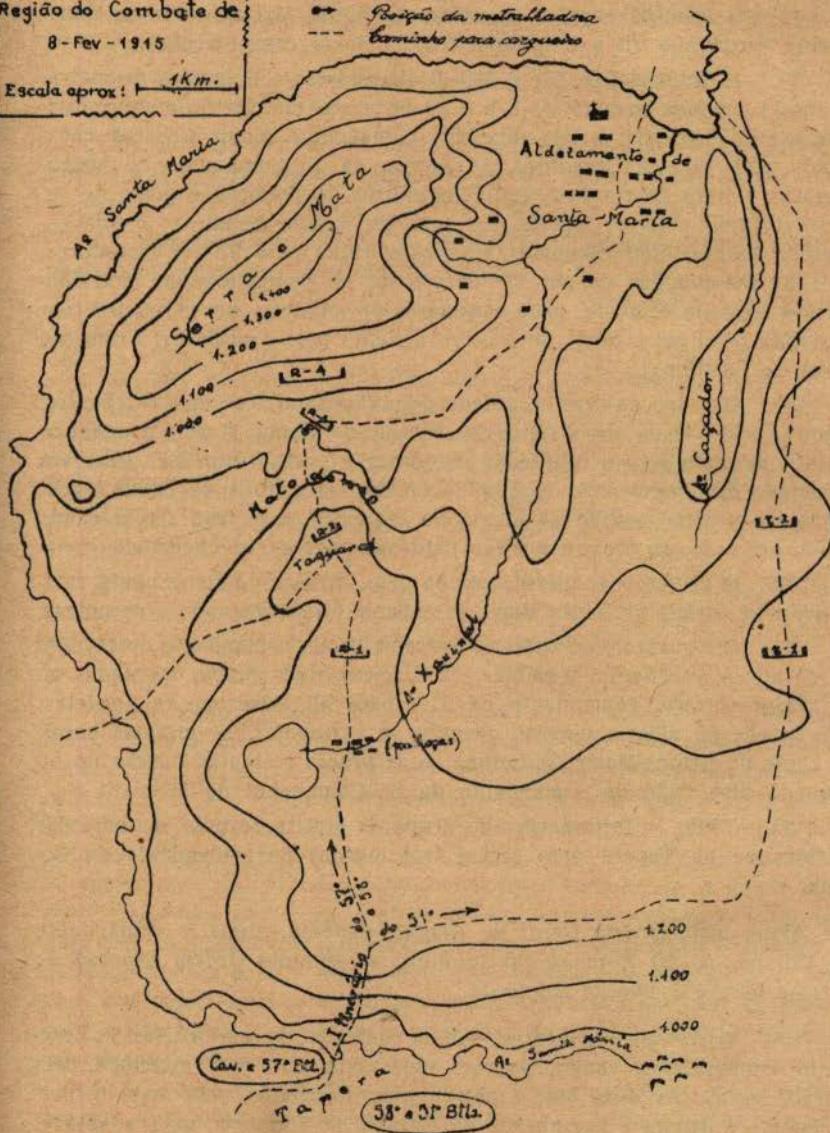
*"Serviço de transporte —* O pelotão de trem que se acha à disposição desta Coluna continuará acampado em Perdizes Grandes, encarregando-se dos transportes entre o armazém de campanha em Caçador e a base de abastecimento em Perdizes Grandes; os trens regimentais, que permanecerão em Perdizes, ficarão encarregados dos transportes entre a base de abastecimento e as respectivas unidades. A disposição do comandante do pelotão de trem ficarão os tropeiros civis contratados pelo comando da Coluna e sempre que seu auxílio for necessário o comandante do mesmo pelotão se entenderá previamente com o 1º tenente Abrahão Chaves."

Em consonância com o disposto no item 4º da citada *Ordem de Operações* do comandante da Coluna Sul, deslocou-se esta, às 11 horas do dia 7, de Perdizes Grandes para Tapera, aonde chegou por volta das 13 horas, vencendo, portanto, assim, em cerca de duas horas, de oito quilômetros que estremavam aqueles dois lugares. E ainda se não havia

Esboço da  
Região do Combate de  
8 - Fev - 1915  
Escala aprox: 1 Km.

## LEGENDA

- [ ] Resistência
- [→] Posição da metralhadora
- [---] Caminho para cazaque



a tropa estabelecido nos locais prefixos para o bivaque, já o comandante da Coluna entrava a preparar a sua *Ordem Geral de Ataque*, para expedí-la, como realmente o fez, às 19 horas.

Esta ordem rezava assim:

"1º. O inimigo suposto na serra de Santa Maria, no lugar denominado Euzebinho (5 a 6 quilômetros da nossa concentração).

"2º. A Coluna (51º, 57º e 58º de Caçadores — 2 secções de metralhadoras) iniciará amanhã, às 6 h e 30 m, a sua marcha de ataque, dividida em dois grupos: o "da direita" (comandante major Ciríaco) constituído pelo 51º de Caçadores, 1ª Secção da 2ª Companhia de Metralhadoras e trem de combate (dois cargueiros de munição e pôsto de socorro dirigido pelo 1º tenente dr. Luiz de Argolo Mendes); o "da esquerda" (sob o meu comando) será constituído pelo 57º de Caçadores, 1ª e 3ª Companhias do 58º, 2ª Secção da 1ª Companhia de Metralhadoras e trem de combate (sete cargueiros de munição, um cargueiro com marmitas térmicas e pôsto de socorro dirigido pelo capitão dr. Francisco Alves de Castilho).

"3º. O grupo da direita, guiado pelo vaqueano José da Cruz Santos, seguirá pela picada da direita da estrada de Santa Maria, marchando através da mata com o intuito de contornar a posição inimiga. Uma vez executado este movimento e atingida de novo a estrada de Santa Maria, procurará prestar auxílio ao grupo da esquerda, caso este esteja empênhado em ação, ou tomará posição para aguardar a sua chegada.

"4º. O grupo da esquerda, guiado pelo vaqueano Julião Spautz, marchará pela estrada de Santa Maria para bater o inimigo onde o encontrar.

"5º. O 2º sargento Sezefredo Ferreira Bicca, comandante do piquete de cavalaria, mandará apresentar, às 6 horas, duas praças montadas ao sr. major Ciríaco, comandante do 51º, para ali servirem de estafetas; oito praças do mesmo piquete deverão se apresentar, às mesmas horas, ao chefe do Estado-Maior da Coluna; e as praças restantes ficarão no bivaque à disposição do comandante da 2ª Companhia do 58º.

"6º. Todas as informações do grupo da direita deverão ser enviadas ao bivaque na Tapera para serem transmitidas ao comandante da Coluna."

Além desta *Ordem Geral de Ataque*, expediu, ainda, o comandante da Coluna, às 20 horas e 45 minutos, a seguinte *Ordem Especial de Marcha para o Grupo da Esquerda*:

"1º. O 57º de Caçadores, sob o comando do major Nestor Sezefredo, constituirá a vanguarda com uma companhia que marchará pela estrada geral. As duas outras companhias marcharão pela mata respectivamente à direita e à esquerda da estrada, na formação mais adaptável às condições do terreno. A companhia do 57º que fôr encarregada do flanqueamento à esquerda mandará explorar o caminho Rocha Alves que se dirige da estrada geral para sudoeste.

"2º. A 1ª do 58º, a 2ª Secção da 1ª de Metralhadoras e a 3ª do 58º, sob o comando do capitão Abreu Lima, constituirão o 2º escalão que marchará à retaguarda do 57º, a uma distância nunca superior a 200 metros.

"3º. O trem de combate marchará entre o 2º e 3º Pelotões da 3ª Companhia do 58º.

"4º. Na cauda do trem de combate marcharão quatro praças de cavalaria.

"5º. Eu marcharei com o chefe do Estado-Maior e o assistente da Coluna à retaguarda da 1ª Companhia do 58º, escoltado por quatro praças de cavalaria."

As mesmas horas (20 e 45), foi também expedida esta *Ordem Especial ao Comandante Interino do 58º*:

"A 2ª do 58º com dez praças de cavalaria ficará guardando o bivaque."

Estavam, por este modo, formuladas e expedidas as ordens para a operação contra o famigeroso reduto de Santa Maria, o antro, irrecusávelmente, mais negregoso daquela caterva de indivíduos broncos e abomináveis, em que, de mistura com os últimos amoucos do misticismo mórbido e errante de João e de José Maria, se acotovelavam criminosos de toda a espécie, encalçados pela Justiça. Agora, apreciem-no-lhes a execução.

Eram, exatamente, 6 horas e 30 minutos do dia 8, quando, consoante a ordem de ataque expedida no dia 7, os dois grupos, em que se fracionara a força para a operação, se movimentaram.

Sigamos o da esquerda.

No momento em que este alcançou a orla da basta e sombrosa mata, dentro na qual doce perfume embalsamava os ares, tudo delatava a ignorância, pelos pandilheiros, de sua aproximação. Alertou-os, porém, as celtas flamas e o crepitir do incêndio ateado por mãos desacuteladas a velhas palhoças, em abandono e ao taquaral vizinho. E isto foi coisa que, para logo, se observou, pelos crebros toques de buzina estridula e os rufos nervosos de tambor roufenho, que começaram a ecoar no silêncio aterrador da mata, sinal de alarme entre os celerados. De sorte que, mal se andara um quilômetro, da bôca da mata para o interior, já a 3ª Companhia do 57º, que marchava à esquerda da estrada, defrontava com um pequeno pôsto do adversário, o qual atirou e fugiu desabaladamente, aos pinchos, deixando a escabujar no solo, com ferimento sério, um sargento nosso.

O 57º, porém, a despeito do inopino daquele esbarro, não susteve o avanço. Ao revés, avivou-lhe, atrevidamente, o ritmo, até ao momento em que, dois quilômetros mais para a frente, a ponta da vanguarda, chocando-se com os bandoleiros, travou com êles tiroteio cerrado.

Eram, precisamente, 8 horas daquela brusca manhã referta de cícias e amenas brisas, que já longe vai. Nesse momento, ordenando ao

resto da fôrça que se deitasse, adiantou-se o coronel Estillac na direção do fogo. Ao alcançar, porém, o local do encontro, já a vanguarda havia repulsado o adversário, e continuava, firme, o avanço, embora zimbrada seguidamente a tiros, que a desfalcavam, enquanto flanqueadores do 57º e do 58º vasculhavam o taquaral que perlongava a estrada.

Isto não obstante, o coronel já nãoolveu ao lugar em que, até então, marchara. Passou a deslocar-se à retaguarda do 57º, de onde mais fácil lhe seria acompanhar os acontecimentos e dar, em tempo, as ordens que tivesse por indispensáveis.

Fêz bem. Porque a progressão se foi tornando cada vez mais agra, entre sibilos quérulos de balas provindas, repetidamente, de atiradores solertes que se não viam, nem se sabia onde se alapavam, até que, afinal, às 8 horas e 45 minutos, topando a vanguarda com a forte trincheira adversa que barrava a estrada, pôde élé fazer idéia imediata da situação.

Chegara, enfim, o instante supremo das deliberações para o ataque ao covil mais respeitável do bandoleirismo predatório daquelas regiões feras, onde moirejava antes, no trabalho honesto, uma população feliz.

As primeiras disposições para o ataque quem as tomou foi o comandante do 57º. E estas consistiram em manter uma companhia na estrada e desenvolver as duas outras à direita e à esquerda desta, de modo que se formasse, assim, uma barreira, de encontro à qual se fôssem quebrar, partissem de onde partissem — como ondas bramosas contra altivas penhas, na solidão marinha — quaisquer arremetidas do adversário.

Enquanto, porém, élé tomava estas disposições, o da Coluna não ficava inerte: ordenava que a 1ª Companhia do 58º, a 2ª Secção da 1ª Companhia de Metralhadoras e a 3ª do 58º com o trem de combate buscassem pôr-se ao abrigo do fogo adverso, embora sempre prestes para a sua intervenção na luta, e cuidassem, ao mesmo tempo, de proteger os elementos não combatentes, para o que o comandante interino do 58º destinou, de pronto, o 3º Pelotão da 3ª Companhia, o qual se foi ficar cem metros à retaguarda, com o posto de socorro e oito cargueiros de missão.

A esta altura, já o fogo dos bandoleiros, cuja intensidade se ia fazendo cada vez maior, não vinha, apenas, da trincheira com que abarrejavam a estrada em que se comprimia a tropa: vinha, também, horrífico, das elevações matosas que a dominavam, em frente.

Apesar de tudo, a 1ª Companhia do 58º progrediu resolutamente, e se foi postar logo atrás da 2ª do 57º, que a precedia. E cômo, entre a posição ocupada pelo adversário e esta última subunidade, já era extremamente curto o espaço, determinou-lhe o coronel que executasse o assalto. O arremesso da companhia, entretanto, paralisou-se a meio, pois o número de mortos e de feridos começou logo a crescer desmesuradamente. O próprio comandante da 1ª Companhia, capitão Cândido Oceas de Moraes, não escapou à violência do fogo do adversário, embora não fôsse a sua a tropa designada para o assalto, pois caiu, também, ali, malferido, com o ombro varado por traiçoeira bala.

E não foi só êle, na companhia de seu comando, a vitima do tremendo fogo dos turbulentos. Foram-no, igualmente, alguns sargentos e soldados seus.

Grave, portanto, muito grave mesmo, como se vê, era a conjuntura em que se debatia o ilustre comandante da Coluna Sul. Longe, contudo, de perder a serenidade que o acompanhava, sempre, nas horas mais aflijivas, nos minutos mais arriscados, nos segundos mais desesperadores, ordenou que avançasse, imediatamente, a 1<sup>a</sup> Companhia do 58º, a qual se foi postar entre a 2<sup>a</sup> e a 3<sup>a</sup> do 57º, e destacou, daí, por um pelotão para a retaguarda da 1<sup>a</sup> Companhia dêste mesmo corpo, que se internara na mata à direita da estrada.

Ademais disso, vendo o venerando chefe que a resistência adversa se fazia cada vez mais forte, determinou, às 9 horas e 30 minutos, que a secção de metralhadoras de meu comando se adiantasse, célere, para ocupar uma posição; de onde pudesse atuar com toda a eficácia contra o inimigo. Desloquei-me, então, num pronto, auxiliando em pessoa o transporte do material, e, em chegando — sob assonânciam estonteadora de gemidos, brados e imprecações, amplificada, ainda, por tiroteio desapoderado — a uma inflexão da estrada, distante uns vinte metros da trincheira inimiga, pôstei uma de minhas peças ao lado da 2<sup>a</sup> do 57º, cavalguei-lhe o selim, já que isto o exigia, imperiosamente, a gravidade da situação, e rompi violento fogo contra os quadrilheiros. A princípio, executei-o, apenas, sobre a trincheira em frente. Assim, porém, que lobriguei, à direita, o aldeamento, semi-escondido pela mataria, não vacilei um instante: tomei-o, igualmente, para alvo da metralhadora.

Foi providencial a intervenção desta. Porque, sobre se haver rafeito, como por encanto, a fuzilaria inimiga, entraram a escassear as nossas perdas, desapareceram de todo em todos os repisados e ruidosos vivas erguidos, até ali, pelos bandoleiros, a São Sebastião, à Monarquia e ao monge José Maria, e, do interior da mata, começaram a subir, impressionadoramente, até nós, súplicas instantes e angustiosas, de mulheres, para cessar o fogo. E ainda maiores seriam os efeitos das metralhadoras contra os bandoleiros, se se não visse a outra impedida de participar do fogo, dada a estreitura do lugar onde se ferira o encontro.

Diante dêsse patente desfalecimento, ao menos passageiro, do adversário, oriundo, decerto, de claros não minguados abertos em suas hostes, ao comandante da Coluna afigurou-se propícia a oportunidade para lançar novo, e ainda mais desesperado assalto, partindo dos flancos, enquanto a 2<sup>a</sup> Companhia do 57º, secundada pelos fogos da metralhadora que eu manejava, conteria o inimigo, de frente. E foi, em verdade, o que êle fez. Pouco depois, porém, de tê-lo mandado realizar, recebeu duas comunicações desalentadoras: uma, do major Nestor Sezefredo dos Passos, comandante do 57º; a outra, do capitão Antônio Rodrigues de Araújo, da 1<sup>a</sup> do 58º. Segundo rezavam elas, nem um, nem outro haviam podido cumprir a ordem, pois o terreno que ladeava a estrada era absolutamente impraticável.

O pior de tudo é que, ao tentarem o assalto, a 3<sup>a</sup> do 57º e a 1<sup>a</sup> do 58º tiveram de fazê-lo a descoberto, e resultaram dai, em ambas, novas e numerosas baixas, a que se adicionou a do capitão Higino Pantaleão da Silva Júnior, fiscal interino do 57º, com ferimento grave.

E não ficaram sómente nessas as nossas perdas àquela altura dos sanguinosos acontecimentos. Afora oito praças do 57º, cujo arrôjo as levara, numa arrancada extraordinária, até ao flanco esquerdo do adversário, e ali ficaram a dormir, com a gratidão da Pátria, o sono da eternidade, baqueava, igualmente, dali a pouco, bem junto da flecha da metralhadora, com a cabeça transfixada por uma bala — sem que dado me fôsse prestar-lhe qualquer ajuda, na conjunção terrível em que as vicissitudes da luta me encantaram — o destemeroso capitão comandante da 2<sup>a</sup> do 57º, Francisco da Silva Bayma.

A vista dêsse crescer contínuo e assustador de baixas, expediu o coronel Estillac, às 12 horas, uma ordem ao comandante da 2<sup>a</sup> Companhia do 58º, estacionado em Tapera, para que enviasse, imediatamente, um pelotão, destinado ao transporte de mortos e de feridos.

Era, realmente, providência esta que se impunha, então, uma vez que estava êle no justo intento de persistir na luta.

E esta continuou, de fato. Sem artilharia, porém, para arrasar os obstáculos próximos e desalojar dos morros os bandoleiros que nêles se acondoravam, e já sem poder contar, a pleno, com os fogos da metralhadora, pois iriam êstes, talvez, ceifar os elementos que mais se haviam acercado do adversário, teve o coronel Estillac de se contentar em vê-la prosseguir com aquela mesma feição de autêntica monteada humana, que de parte a parte se exercitava, com igual astúcia e com graves perdas para um bando e outro. Só quando lhe parecia um tanto abalada a resistência oposta pelos guerrilheiros, é que êle buscava recomeçar o avanço.

O desânimo, entretanto, que, por intervalos, parecia dominar o adversário, era, positivamente, um ardil, com o fim de arrastar nossa tropa para a baixada, e, ali, aniquilá-la a tiros, das elevações. Tanto assim que, ainda às 13 horas e 30 minutos, quando o 57º tentou mais um avanço, teve de sustá-lo com sensíveis baixas, entre as quais se numerou, com ferimento grave, a do 1º tenente Amâncio José dos Santos, ajudante do Batalhão, que assumira o comando da 2<sup>a</sup> Companhia, após a morte do capitão Bayma.

Com o ferimento do tenente Amâncio, o 57º ficava, agora, reduzido a três oficiais, apenas: o major Nestor Sezefredo dos Passos, com ferimento leve, o 1º tenente Estêvão Dionísio de Ávila Lins, que, embora levemente ferido, continuava à testa da 2<sup>a</sup> Companhia, e o 2º tenente Alfredo Carlos de Souza Brito, que passou a comandar a 1<sup>a</sup> Companhia.

Ora, em face dessa carência alarmante de oficiais, justamente no corpo a que se confiara a tarefa mais cheia de dificuldades, o coronel Estillac não teve dúvida: ordenou que se fôssem apresentar, imediatamente, ao major Nestor, o 2º tenente Ermílio Ribeiro e o oficial dêste mesmo posto José Otaviano Pinto Soares, soldado culto, reconhecida-

mente bravo e já sobejamente experimentado naquela guerra ingrata, ambos do 58º de Caçadores.

Como, porém, até às 14 horas, não melhorasse a situação, apesar de todas as judiciosas medidas que pusera em prática, ordenou o coronel Estillac ao jovem e laborioso aspirante a oficial Mário Travassos, comandante do 2º Pelotão da 3ª Companhia do 58º, que recolhesse os feridos, e, tanto quanto possível, os mortos, e se fôsse, com êles, para Tapera, já então resolvido a romper o combate, do que deu ciência ao major Ciríaco, comandante do grupo da direita, determinando-lhe, do mesmo passo, que se retirasse para o bivaque.

Pouco passava das 14 horas, quando se iniciou o movimento retrógrado de todos os elementos, na seguinte ordem: 1º Pelotão da 3ª Companhia do 58º, 1ª Companhia do 58º e 57º de Caçadores, cuja companhia de cauda se deslocou por lances, sempre preparada para fazer frente ao inimigo, caso se apresentasse.

Para maior segurança, ainda, do retraimento, já antes de iniciar-se êle, a secção de metralhadoras de meu comando e o 3º Pelotão da 3ª Companhia do 58º haviam ocupado uma *posição de cobertura*, por ordem do próprio comandante da Coluna, a que chegou, pouco depois, o 3º Pelotão da 2ª Companhia do 58º.

Assim que o percurso feito já ia por um quilômetro, sem que houvessem tentado os bandoleiros embaraçar os passos de nossas fôrças, ordenou o coronel Estillac que se volvesse à coluna de marcha, e, continuou, com esta, o movimento para a Tapera, aonde chegou às 16 horas.

Foi ali que recebeu esta comunicação do major Ciríaco, cujo grupo tanto o preocupava:

"Sr. Coronel Estillac.

"Estou em circunstâncias críticas, mata fechada eriçada de emboscadas. Já morreu o tenente Orestes e tenho dois homens feridos.

"Isto não é nada; porém acaba de ser gravemente ferido o vaqueano; já não fala, ninguém conhece a mata e só tenho um recurso: retirar e o faço, acredice, pesaroso e contrariadíssimo.

"P.S. — Neste momento inicio a retirada, o médico declara ser muito sério o ferimento do vaqueano.

"(Expedido às 14 h.)"

Quando abalou de Tapera, para o cumprimento da missão que lhe fôra dada, o grupo do major Ciríaco ia fracionado em vanguarda, grosso e retaguarda. A vanguarda era constituída da 1ª Companhia do 51º, sob o comando do 1º tenente Orestes de Salvo Castro; o grosso, dirigido pelo fiscal do 51º, capitão José Luiz Pereira de Vasconcelos, compunha-se da 2ª Companhia do Batalhão, 1ª Secção da 2ª Companhia de Metralhadoras, cargueiros de munição, serviço de saúde e 3ª Companhia,

menos um pelotão; e a retaguarda, dêste mesmo pelotão da 3<sup>a</sup> Companhia.

Inicialmente, o deslocamento do grupo realizou-se pela estrada principal, que demandava o reduto de Santa Maria, a mesma, portanto, per-lustrada pelo da esquerda. Vencido, porém, um quilômetro, apenas, teve êle que se desviar para a direita, e continuar a marcha pela picada do Euzebinho.

Começava ali a triste odisséia daqueles homens.

A picada, que já era má, estava, por desfrequêntada desde muito tempo, de tal sorte invadida pelo vassoural, que mister se fêz roçá-lo. Era o primeiro peguielho com que havia de afrontar-se a tropa.

Depois dêste, surgiu outro não menor que êle: a extensão do atalho. Este, com efeito, ao invés dos cinco quilômetros, apenas, que lhe atribuiam, orçava por mais de duas boas léguas, e, o que mais é, desdobladas por serras confragosas e pela mata bruta.

Para completar, enfim, todos êstes impedimentos, ali estava o próprio inimigo, com a sua ferócia e com as suas manhas.

E êste, de feito, não ia tardar em revelar-se à tropa. Foi, justamente, o que sucedeu, quando esta já estava pela metade do caminho, pouco mais ou menos. Nesse momento, percebeu o vaqueano Santos movimentos algo suspeitosos entre uns arbustos, que mal encobriam volumosa pedra, à esquerda, e atirou. Feito isto, transmitiu, logo, ao tenente Orestes as suas observações, e solicitou-lhe, ao mesmo tempo, permissão para atirar de novo. Não o permitiu, porém, o valente oficial. Ordenando-lhe que passasse para a retaguarda, dirigiu-se em pessoa para o local suspeito. Desgraçadamente, não chegou a êle. Antes de o atingir, já uma bala de Winchester lhe esfacelava o crânio.

O 2º sargento Francisco Simões de Brito, então, vendo tombar sem vida o destemido chefe, contornou, pela direita, a pedra, e fêz, assim, que os bandoleiros fugissem, em disparada louca, pela mata adentro.

Os tiros, porém, contra os flancos da tropa continuavam intensos. De modo que, mau grado seu, teve ela de deter-se, pelo espaço de meia hora, ali.

Logo que amainaram um pouco, o grupo recomeçou o avanço, e percorreu ainda dois quilômetros, embora hostilizado, sempre, pelos bandoleiros, que se mantinham invisíveis para todo êle.

Foi então que, ferido mortalmente no ventre o vaqueano Santos, e vendo-se perdido naquele inferno de vegetação cerrada, em que se metera pela primeira vez, o major Ciríaco pensou na retirada.

E esta se iniciou, efetivamente, por volta das 14 horas, para só terminar, quatro horas e meia depois, em Tapera, com um morto e quatro feridos.

Epilogavam-se, assim, sem o triunfo que imaginávamos, todos os esforços e sacrifícios feitos contra o reduto de Santa Maria, naquele dia ariago, em que as nossas perdas ascenderam a 70 homens, distribuídas pela forma abaixo:

57º de Caçadores: 24 mortos (1 capitão, 2 sargentos, 3 cabos, 1 anspeçada e 17 soldados); 29 feridos (1 major, 2 capitães, 2 primeiros-tenentes, 6 sargentos, 4 cabos, 1 anspeçada, 12 soldados e 1 corneteiro).

58º de Caçadores: 3 mortos (1 corneteiro e 2 soldados); 5 feridos (1 cabo e 4 soldados).

51º de Caçadores: 1 morto (primeiro-tenente); 4 feridos (1 sargento, 1 anspeçada e 2 soldados).

2ª Secção da 1ª Companhia de Metralhadoras: 1 morto (anspeçada) e 1 ferido (corneteiro).

Vaqueanos: 1 morto (José da Cruz Santos) e 1 ferido (Julião Spautz).

Além dos mortos e dos feridos, o 57º ainda teve um corneteiro extraviado.

Foi este Batalhão, portanto, o que mais sofreu naquele recontro verdadeiramente infâstico para as nossas armas. Mas, apesar disso, nem um só momento se deixaram os seus homens avassalar do medo ou da tibieza. Aquêles lutadores *guascas* mostraram, mais uma vez, ali, naquela mataria impérvia, que nas veias de sua gente ainda fluía o mesmo sangue generoso e cálido daqueles centauros irrializáveis que, por dez largos e tormentosos anos, escreveram, nas doces planícies e coxilhas do Rio Grande, com a ponta de suas lanças, páginas tão resplandecentes de heroicidade, que nunca mais se apagarão da memória dos compatriotas.

### VANTAGENS AOS ASSINANTES ATUAIS

Aos companheiros que se tornarem nossos assinantes até 1 de maio oferecemos dupla vantagem:

a — pagarão a assinatura de 1960 ao preço de Cr\$ 150,00;

b — passarão, em 1961, a descontar mensalmente, somente Cr\$ 15,00 em favor de nossa revista.

**FÁBRICA DE CLORATO DE POTASSIO — CLORATO  
DE SÓDIO**

**NITRATO DE POTASSIO — PRODUTOS ERVICIDAS**

# **CIA. ELETROQUÍMICA PAULISTA**

**FÁBRICA EM JUNDIAÍ (SP)**

**Escrítorio:**

**RUA FLORENCIO DE ABREU, 36 - 13º and.**

**Caixa Postal 3827 — Fone : 33-6040**

**SÃO PAULO**

Ácido Muriático a 20/21º Bé — Ácido Nitrico a 43º Bé — Ácido Sulfúrico a 66º Bé — Anodos de Níquel — Ácido Crômico — Ácido Tartárico — Arsénico 99/100% — Bórax — Breu K Vivo — Bissulfito de Sódio — Carbonato de Potássio 98% — Carvão Ativo p/Açúcar — Carvão Ativo p/Óleo "G" — Dibutilítalato — Dióxido de Titânio — Iodeto de Potassa — Sulfato de Níquel — Nitrato de Prata — Hidrossulfito de Sódio — Hidroquinona — Vaselina Branca — Vaselina Amarela

## **MAGOS**

**ÁCIDOS — PRODUTOS QUÍMICOS LTDA.**

**INSCRIÇÃO: 364**

**Sede social: RUA CAMILO BARBOSA, 200 — Piquete — EFCB**

**Escrítorio em São Paulo**  
**Rua Cons. Crispiano, 379**  
**3º andar — sala 307**  
**Fone : 32-6384**

**Depósito em S. Paulo**  
**Rua Hungara 200**  
**Fone : 52-3178**

## II — PEDRO ÁLVARES CABRAL

VIRGILIO CORRÉA FILHO

Incluía-se entre a fidalguia lusitana o filho de Fernão Cabral, possuidor das alcaidarias dos castelos da Guarda e Belmonte, e de D. Isabel Gouveia, herdeira do alcaide-mor de Castelo Rodrigo, senhor de Almendra, Valhelhas e Castelo Bom, quando o rei D. Manuel lhe concedeu o hábito de Cristo e o fôro de fidalgo do seu conselho.

Nascera em Belmonte, por volta de 1467, e não tardou em freqüentar a corte de D. João II, onde conheceu navegadores e capitães, que lhe significavam o reinado.

Para lhes seguir os exemplos, estudou humanidades, estimulado pelos contemporâneos, e cuidou de enfronhar-se nos segredos da cosmografia e marinaria; que empolgavam as energia de Lisboa.

Entre os ancestrais, figurava o descobridor dos Açores, Gonçalo Velho, primo do seu avô Fernão Álvares, e mas proximamente, Afonso de Albuquerque, tio de sua esposa, D. Isabel de Castro terceira neta do rei D. Fernando.

Como El-Rei, era Pedro Álvares Cabral, "faustoso, amigo de granzezas e, como tal possuidor de grande estado para o que haviam de concorrer em grande escala os bens e educação de sua mulher".

De comêço, entenderam-se às maravilhas, o monarca e o môço fidalgo, escolhido para magna missão.

Meses antes regressava Vasco da Gama, que partira do Tejo a 8 de julho de 1497, apenas com duas naus de 100 tonéis, uma caravela menor, e outra de mantimentos.

Exultara El-Rei, com o êxito da expedição, que inaugurou o caminho marítimo para as Índias ao fim de esforçadas peregrinações.

E na carta oficial aos reis de Castela, não conteve o seu entusiasmo comunicativo, ao assinalar que os seus navegantes "acharam e descobriram a Índia e outros reinos a ela comarcões... acharam grandes cidades e de grandes edifícios e ricos de grandes povoação, nas quais se faz todo o trato de especiaria e pedraria, que passa em naus em grande quantidade a Meca, daí ao Cairo donde se espalha pelo mundo... canela, cravo, gengibre, noz-moscada... e muitas predraria finas de todas as sortes, a saber rubis e outros, e ainda acharam terras em que há minas de ouro".

Por setembro de 99, maravilhou-se Lisboa com a opulência oriental, testificativa da laboriosa empresa do Infante, que decidiu perlongar

o litoral africano, e devassar o Mar Tenebroso, que as suas caravelas sulcaram, até a façanha memorável de Vasco da Gama.

Conhecido o segredo da ligação sobre ondas, fazia-se mister colhêr as mais rendosas conseqüências.

Daí se causou a organização de frota poderosa, em cotejo com as outras, cujo comando confiou o monarca a Pedro Álvares Cabral.

Constituída de treze unidades, em seus comandos figuravam nomes de navegantes experimentados, como Sancho de Tovar, fidalgo espanhol, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, que fôra à Índia com Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, que dobrou o Cabo Tormentoso, Diogo Dias, seu irmão, Simão de Pina, Nuno Leitão da Cunha, e outros dô mesmo estôfo.

E como o objetivo ostensivo da armada derivava de imperativos mercantins, também embarcara Aires Correira, incumbido de montar feitorias em Calicut, de que seria escrivão Pêro de Vaz Caminha.

Nas instruções, pelas quais se norteariam os atos do Capitão-mor, determinou El-Rei minuciosamente como deveria proceder para captar a confiança dos governantes, com quem firmaria as bases de futuro intercâmbio.

"E apontai com êle (o Samorim de Calicut) em alguma coisa rezoada, que se haja de dar de compra e de venda, dizendo-lhe que pero o seja menos do que os outros lhe pagam, há de ser, prazendo a Deus, a cantidade das naus e mercadorias tanta, que lhe rendam os seus direitos muito mais que agora rendem". (Jaime Cortesão — "A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil" — Lisboa — 1922).

Para realçar a imponência da expedição, em que seguiram 1.500 homens de armas e cavaleiros fidalgos, D. Manuel compareceu, com tôda a sua Corte, ao Restelo, "onde já estavam as naus com as gentes de mar e de armas, para juntos ouvirem missa na ermida de Nossa Senhora de Belém", celebrada pelo bispo de Ceuta, D. Diogo Ortiz, matemático e cosmógrafo.

"A capela da ermida, armada com panos de côres rútilas regurgitava da gente nobre, de capitães e navegadores.

"Faiscavam na sombra os elos dos colares, os broslados e guardanços de oiro e pedras finas", acentuou imaginoso cronista.

"Junto do altar, do lado da epístola, rutilava o sólio episcopal, com seu dossel franjado de oiro, ladeado pelos assentos mais humildes dos acólitos. Do lado do evangelho vergava e fulgia a credêncie com os vasos dourados, as pratas e alfaias, que serviam à celebração do sacrifício".

A cerimônia, com as suas pompas impressionantes, ainda se prolongou até a praia, a que desceu o monarca.

Seguia à frente o bispo, ladeado dos acólitos precedido de porta-cruz e dos capitulares; acompanhavam-no os freires de Cristo com as tochas na mão; e, empós o Rei, que conservava ao lado Pedro Álvares Cabral,

seguia-se a côrte, os outros capitães e os tripulantes descobertos; atrás, o povo acompanhava os cânticos, em côro.

Era de maravilhar o espetáculo, à luz da manhã de 8 de março de 1500, à margem do Tejo, onde se aprestaram as 13 embarcações para completarem a empresa do Gama.

E como previam a possibilidade de maior demora e conveniência de cuidar da saúde dos expedicionários, também embarcou "Mestre João, físico e cirurgião d'El-Rei, bacharel em artes e medicina, abalizado além disso em ciências astronómicas", de que é prova a primeira determinação de latitude efetuada no Brasil.

Bem que predominassem os aspectos acentuadamente econômicos, o empreendimento manuelino, acorde com a tradição criada pelo Infante Navegador, que se consagrou à dilatação da "Fé e do Império", não dispensou a cooperação espiritual, realçada pela cerimônia religiosa da despedida.

De tal missão incumbiram-se frei Henrique Soares de Coimbra e seus colaboradores, "frei Gaspar, frei Francisco da Cruz, frei Simão de Guimarães, frei Luiz de Salvador, frei Masseu, sacerdote organista, frei Pedro Neto, corista de ordens sacras e João da Vitória, frade leigo, todos da ordem do patriarca de Assis, que iam todos pregar na Índia a fé cristã".

Jamais se organizara expedição análoga, de tamanhas proporções, em pessoal e material, que demonstrasse o poderio militar do reino, ansioso de expandir-se pelo mar afora, uma vez que, em Portugal, apenas lhes coubera estreita faixa territorial, apertada entre a Espanha e o Atlântico.

Sem maiores obstáculos, os navegantes, ao fim de nove dias, avisaram ilhas de Cabo Verde, das quais não se aproximaram.

Na manhã seguinte, notaram ausência da nau de Vasco Ataíde, que desgarrou, sendo em vão procurada.

Cessadas as pesquisas, ao fim de dois dias, "seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas da Páscoa, que foram 21 de abril topamos alguns sinais de terra"...

Nesta sintética passagem, Vaz Caminha, que seria o cronista da travessia pioneira, assinala que, a partir de Cabo Verde, engolfou-se a armada pelo Atlântico Sul, afastando-se cada vez mais da região meridional da África.

Certo, os nautas lusitanos já sabiam, depois das explorações de Bartolomeu Dias, que para dobrarem o Cabo da Boa Esperança, não seria aconselhável a rota costeira.

Cumpria-lhes, ao contrário, aproximarem-se do meridiano, além do arquipélago caborverdiano e sómente à latitude entre 30° e 40° velejar para leste, quando não mais esbarriaram no litoral sul-africano.

Assim procedeu, resoluto, Pedro Álvares Cabral, e de tal maneira que, afinal, a sua missão transfigurou-se, ganhando relevância e fama.

Antes que prosseguisse a navegação para o destino declarado da expedição, arrolou a denominada ilha a que chegara, entre os descobrimentos portuguêses.

Procurou conhecer-lhe as peculiaridades, como atestou em carta a El-Rei, perdida, mas referida na de Vaz de Caminha, suficiente para revelar quanto se desvelou o capitão-mor em caracterizá-la.

Deu-lhe o nome de "Terra de Vera-Cruz", que D. Manuel substituiria pelo de "Santa Cruz", preterida em breve prazo, pelo de Brasil, quando se intensificasse a utilização proporcionada pelo pau-brasil de sua mata litorânea.

De momento, porém, diminutas esperanças havia do seu aproveitamento, além de servir de auxílio às frotas que se dirigissem à Índia, para onde continuou a derrota.

Apesar dos contratemplos, que lhe reduziram o número de naus, inclusive a de Bartolomeu Dias, o "descobridor da África do Sul", que o mar raivoso arrebatou à noite de 23 de maio de 1500, com mais três centenas de mareantes, o êxito mercantil da expedição animou o monarca a prosseguir em seu propósitos.

Quanto ao "achamento desta vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou", conforme registrou o escrivão, predestinado a suceder em breve, maior glória proporcionaria a Portugal e seus governantes.

Bem o pressentiu D. Manuel, embora ainda ofuscado pelas riquezas orientais, que permitiram vantagens mercantis imediatas.

Vanglorioso de suas conquistas, datou de Lisboa, a 28 de agosto de 1501, extensa carta aos Reis Católicos.

"O dito meu Capitão com treze naus partiu de Lisboa a nove dias de março do ano passado e nas oitavas de páscoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu a que pôs nome de Santa Cruz, em que achou as gentes mas como na primeira inocência, mansa e pacíficas, a qual pareceu que Nosso Senhor milagrosamente quis que se achasse porque é mui conveniente e necessária à navegação da Índia, porque ali corrigiu suas naus e tomou água"...

Rápidos períodos bastaram-lhe para registrar o notável fato geográfico, em contraste com a longa narrativa dos episódios bélicos e políticos ocorridos depois da partida de Pôrto Seguro, em demanda do Cabo da Boa Esperança.

Do primeiro, cuja dramaticidade privou a frota de naujas experientes, resultou a diminuição de sua força naval, em quantidade e valor.

"Naquele golfão, antes de chegar ao Cabo, passou grandes tormentas em que num só dia juntamente soçobraram à sua vista quatro naus, de que não escapou pessoa alguma, sendo já a esse tempo desaparecida dèle outra nau, de que até agora não tem havido notícia".

Aí afundaram as naves de Bartolomeu Dias, Aires Gomes da Silva, Luis Pires e Simão de Pina, e como a de Vasco Ataíde se perdera em

Cabo Verde e a de Gaspar de Lemos enfunara velas a 2 de maio, de regresso a Lisboa, com as participações alvissareiras a El-Rei do descobrimento de Vera Cruz, já se achava a expedição reduzida à metade.

Também a de Diogo Dias tresmalhara, em consequência do temporal, de sorte que sómente seis unidades sulcaram o oceano Índico.

Não obstante, entregou Álvares Cabral ao rei de Quiloa e ao de Melinde as cartas de D. Manuel, redigidas em arábico e português, mediante as quais assentou convênios comerciais, de paz e amizade.

"Daí se partiu para Calicut que é além setecentas léguas", onde a feitoria, apenas inaugurada, foi inopidamente assaltada pelos mouros, contra os quais reagiram duramente os expedicionários.

Depois da luta, prosseguiram até Cochim, "que é aquela parte donde vem a especiaria 30 léguas além de Calicut".

Carregadas as naus, despediu-se Cabral do Oriente, e ao aportar a Lisboa, em junho, poderia ufanar-se de ter cumprido a preceito a sua missão, que se desdobrara por duas atividades diferentes.

Uma, de efeito imediato avultou com os lucros obtidos nas transações mercantis, que sobremaneira compensaram os prejuízos causados pelos naufrágios e estimularam o monarca a intensificar o comércio de especiarias no Oriente, onde o império colonial português culminou no esplendor, antes de se abismar no declínio.

A outra mal avaliada na ocasião, constituiria o pedestal de glória de Pedro Álvares Cabral, equiparado aos insignes navegantes, que aumentaram os conhecimentos geográficos do mundo com as suas peregrinações devassadoras de novas terras.

No mar, indicou diferentes rotas, em demanda da Índia fabulosa.

E, em terra, chantou o padrão de posse, para garantia da prioridade lusitana.

E depois de examinar argutamente, como lhe seria possível, as características regionais, enviou emissário especial a El-Rei, para lhe dar ciência das providências que adotara e das informações colhidas.

"Pôsto que o capitão-mor desta vossa frota e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza" . . . em tais termos começou Vaz Caminha a célebre carta de 1 de maio de 1500, qualificada de registro de batismo do Brasil.

Tôdas sumiram, menos a do escrivão, que tombaria em Calicut, juntamente com Aires Correia, a 16 de dezembro.

Atalhada tragicamente a sua vida laboriosa, bastou êsse documento para enobrecê-la, e atestar os seu pendores culturais.

Semelhantemente, a Pedro Álvares Cabral, não seriam suficientes os méritos de inaugrador do império econômico de Portugal no Oriente, para o creditarem à imortalidade, garantida, todavia, pelos sucessos de Pôrto Seguro.

E à medida que decorressem os séculos, mais lhe cresceria a fama de descobridor do Brasil, em que se refletiu o gênio português, graças à sua viagem triunfal.

Não havia mister de aumentá-la por outros feitos.

"Regressado à pátria, nomeia-o D. Manuel capitão-mor da nova armada que ao Oriente envia.

Pedro Álvares, ao conhecer o regimento de Vicente Sodré, que de sua bandeira, com cinco naus, o separava, dando-se por ofendido, não aceitou o encargo".

Não concordou com a decisão régia de "capitis diminutio".

Dessa recusa, que lhe ditou a inflexível alítevez, derivou o ostracismo, a que o condenou a ingratidão do soberano.

Retirou-se, então, para Santarém, onde jazigo perpétuo, na Igreja da Graça, lhe acolheu o corpo agigantado, por volta de 1520, quando o Brasil já empolgava as atenções de políticos reinóis e forasteiros interessados no comércio com os indígenas, apesar de severas proibições com que pretendia El-Rei garantir o seu monopólio.

FÓSFOROS DE SEGURANÇA  
SÃO: ARGOS E GUARANY,  
PRODUTOS DE CONFIANÇA  
FABRICADOS EM JUNDIAÍ.

CLORATO DE POTÁSSIO  
"PIONEIRO"



INDÚSTRIAS ANDRADE  
LATORRE S. A.

R. São Bento, 41. Caixa Postal 17

Telefones 5293 e 5294

JUNDIAÍ — EST. SAO PAULO